

RESENHA

JIMÉNEZ, Yolanda Rodríguez. *La identidad diacrónica de la persona: de una visión constitutiva a una visión relacional*. Roma, Gregorian & Biblical Press, 2019. Um volume de pp. 413.

Marco Damonte*

O ensaio de Yolanda Rodríguez Jiménez se apresenta como um trabalho valioso, bem articulado em seus diversos componentes, estruturado de maneira equilibrada e adequadamente fundamentado em seus pontos principais. O objetivo da autora resulta claro: fornecer uma teoria sobre a identidade diacrônica da pessoa humana, ciente de que a antropologia filosófica se concentrou principalmente no estatuto do ser humano do ponto de vista de seus componentes ontológicos, reservando pouca atenção ao aspecto temporal, quase deixando escapar a questão da possibilidade, para um ser humano, de manter sua identidade ao longo do tempo. Este estudo, ao invés, está precisamente centrado na seguinte questão: quem é o ser humano e como é constituído a ponto de poder reconhecer sua permanência identitária apesar das mudanças radicais decorrentes de sua aparência física e de seus relacionamentos? Tentar responder a essa pergunta, portanto, significa oferecer uma válida contribuição ao debate antropológico, considerando também que a questão da identidade diacrônica é fundamental hoje para se enfrentar os desafios impostos pelo transhumanismo e pela bioética (com especial atenção ao início da vida pessoal, ao seu término e aos “casos marginais”), além dos desafios mais tradicionais sobre a possibilidade de sobrevivência após a morte e a compatibilidade com a crença religiosa da ressurreição da carne. Esses aspectos são bem conhecidos por Rodríguez Jiménez, que os aborda sem perder de vista o objetivo especulativo e teórico de sua obra, que não diz respeito, em primeira instância, às repercussões morais ou religiosas.

* Università degli Studi di Genova – Italia. E-mail: marco.damonte@unige.it. Tradução de Cristiane Pieterzack, doutoranda em filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma.

O texto resulta tripartido. Na primeira parte, intitulada *La visión constitutiva de Lynne Rudder Baker*, é exposta, com notável capacidade de síntese, a tese da teóloga e filósofa Rudder Baker, escritora americana recentemente falecida. A segunda parte, *La ontología relacional de Maurice Merleau-Ponty*, trata do pensamento de Maurice Merleau-Ponty, procurando oferecer uma interpretação original de algumas passagens discutíveis do autor francês. A justaposição entre esses dois pensadores tão diferentes resulta convincente pois a autora se limita a encontrar nos dois, os elementos úteis para enfrentar a questão da identidade diacrônica, oferecendo uma contextualização suficiente, mas jamais excessiva. A consciência dos méritos e limitações das duas abordagens consideradas permitiu a Rodríguez Jiménez distinguir a posição de Baker (constitutiva) da posição de Merleau-Ponty (ontológico-relacional) e, portanto, de formular uma própria, denominada constitutiva-relacional e discutida na terceira parte (*Hacia una visión constitucional-relacional da pessoa*). Esta última aspira, com algum sucesso e com alguns limites declarados, por um lado, a superar as críticas emergidas dos cenários de Baker e Merleau-Ponty e, por outro, oferecer uma solução original, segundo a qual a identidade diacrônica pessoal depende essencialmente dos aspectos relacionais, pois são necessários para determinar a subjetividade e a individualidade que emergem na capacidade de usar uma linguagem em primeira pessoa. A autora resume os resultados do caminho percorrido em dez teses (págs. 363-368) na forma de dez proposições analíticas sobre antropologia filosófica, ou melhor, sobre a “metafísica”, graças às quais seria possível determinar o estatuto ontológico de um ser humano pessoal. Os elementos que o distinguem são a corporeidade, a relacionalidade com o mundo, a intersubjetividade, a capacidade de se referir a si mesmo na primeira pessoa, a complexa atividade perceptiva que lhe é própria, a possibilidade de ter estados mentais, o uso da linguagem e o fato de ser temporal. Esses elementos não são apresentados como uma lista de condições necessárias e suficientes, mas são analisados em seu entrelaçamento de modo a fornecer um discurso adequado, exaustivo, mas ainda problemático, da continuidade da pessoa humana ao longo do tempo.

Na conclusão geral, a autora parece sugerir dois critérios para avaliar os resultados alcançados. O primeiro consiste na afinidade de sua proposta com a real e concreta experiência humana. O segundo diz respeito à capacidade de superar as aporias presentes nas antropologias filosóficas contemporâneas da matriz reducionista (ou naturalista) e idealista (ou intelectualista). O primeiro desses critérios parece ser mais persuasivo que o

segundo, que se refere a rótulos que nem sempre são historicamente irreprocháveis, mesmo que comumente aceitos na literatura. O texto se conclui com uma bibliografia exaustiva, um índice de nomes e um índice geral muito detalhado, quase um resumo.

A tese defendida no livro não é apenas interessante e consistente, mas também convincente. Também é digno de nota a capacidade incomum com a qual Rodríguez Jiménez consegue fazer a tradição analítica, típica de Baker, dialogar com a fenomenológica, à qual se remete Merleau-Ponty. Isso a levou a forçar a terminologia filosófica, propondo alguns termos aparentemente abstratos ou provocativos, como “materialismo não reduutivo”, “relação de constituição” e “corpo não biológico”. A nível metodológico, a autora costuma falar de um *método comparativo*, mesmo que os dois principais autores tratados não sejam comparados entre si no sentido estrito, porque não há base comum que permita isso. O referimento autobiográfico de seu encontro com Baker e aos contatos subsequentes que mantiveram (p. 15) é um elemento esclarecedor, mas não decisivo. De fato, mais do que uma comparação, é uma justaposição, onde os elementos analisados são funcionais para a formulação da visão constitucional-relacional. Esse objetivo determina a escolha de considerar aspectos comuns aos dois autores, como o interesse pela *Gestalt*, a sensibilidade em relação às descobertas científicas (especialmente no que diz respeito à biologia e à psicologia) e macro-áreas temáticas (linguagem, relação, intencionalidade, potencialidade). A comparação, portanto, resulta às vezes forçada e, de qualquer forma, limitada a aspectos circunscritos e consiste em uma integração que insere elementos retirados de Merleau Ponty na estrutura especulativa da Baker. Esta última se revela como a verdadeira autora de referência de Rodríguez Jiménez. De qualquer forma, a autora evita leituras tendenciosas e segue critérios hermenêuticos plausíveis, apoiados em citações extensas e relevantes que revelam um bom conhecimento dos autores tratados e um controle da vasta literatura secundária. O único elemento, apenas parcialmente explorado, que poderia permitir um paralelo real entre os dois autores é a recusa, por parte de ambos, da antropologia dualista cartesiana e seus epígonos. No entanto, a referência a Descartes assume um significado retórico, raramente apoiado em referências textuais específicas: se algo é comum a Baker e Merleau-Ponty, isso pode ser visto na escassa sensibilidade histórica de ambos, que a autora acaba assumindo acriticamente, como quando se limita a justapor a linha platônico-agostiniano-cartesiano à linha aristotélico-tomista-lockeana ou a usar, com excessiva desenvoltura, termos como “aristotélico-tomista”, “analítico e continental” e

“essencialismo aristotélico”. Essa evidência não afeta o valor teórico do texto, mas quer apontar como a relevância do assunto considerado suscita questões além daquelas expressamente explicitadas, sinal de uma fertilidade inequívoca que merece ser investigada. O tema da identidade diacrônica da pessoa humana não é apenas uma urgência da filosofia contemporânea ou um modismo acadêmico, mas, como sugere Rodríguez Jiménez, é uma questão antropológica inelutável que a tradição filosófica ocidental nos deixa como herança mesmo através de uma pensadora analítica *sui generis* e de um fenomenólogo *heterodoxo*. A autora tem o mérito de ter destacado esse tema, seus pressupostos a serem exploradas e suas consequências a serem analisadas.